



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

João Vitor Campos Andrade

A MATA ATLÂNTICA EM PARATY/RJ: sua biodiversidade vegetal e suas implicações  
socioambientais

Rio de Janeiro

2024

João Vitor Campos Andrade

A MATA ATLÂNTICA EM PARATY/RJ: sua biodiversidade vegetal e suas implicações socioambientais

Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador(a): Danielle Cerri do Nascimento

Rio de Janeiro

2024

João Vitor Campos Andrade

A MATA ATLÂNTICA EM PARATY/RJ: sua biodiversidade vegetal e suas implicações socioambientais

Projeto de Monografia apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

Rio de Janeiro

2024

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço à minha família que, desde que me conheço por gente, me motiva e auxilia a alcançar todos os meus sonhos. Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Danielle Cerri do Nascimento, por me acompanhar desde que este projeto era apenas uma ideia distante e me ajudar em cada passo até ele se tornar sua versão final. Também gostaria de agradecer a todos os colegas e amigos da turma de Gerência em Saúde da EPSJV, com quem compartilhei os melhores e piores momentos destes quase 4 anos de ensino médio técnico e que sempre foram uma grande rede de apoio para a situação que for. Além disso, gostaria de dedicar um agradecimento especial ao Prof. Gilberto Estrela, que é um grande profissional e amigo que esteve comigo e com meus colegas desde o início do nosso percurso no ensino médio e é um dos principais responsáveis por tornar esta formação possível. Todas essas pessoas me ajudaram a moldar quem eu me tornei, tanto no campo acadêmico e profissional, quanto na vida.

*Na Natureza, nada se  
cria, nada se perde,  
tudo se transforma  
(Antoine Lavoisier)*

## RESUMO

A pesquisa tem como foco investigar os processos de intervenção e de desmatamento do bioma Mata Atlântica, na cidade de Paraty/RJ. Isso será feito através da análise da relação do ser humano com o meio ambiente, destacando as causas e consequências dos impactos causados na natureza ao longo da história, caracterizando o bioma mata atlântica. Assim, enfatizando a importância da preservação ambiental e das comunidades tradicionais nesse processo, avaliando a possibilidade de preservação do meio, tendo como base em uma metodologia qualitativa.

**Palavras-chave:** Mata Atlântica. Bioma. Paraty. Vegetação.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Mapa comparativo da abrangência da Mata Atlântica no Brasil.....	<b>12</b>
<b>Figura 2</b>	Panorama da Mata Atlântica – biodiversidade e serviços ambientais.....	<b>17</b>
<b>Figura 3</b>	Fotografia de paisagem da Mata Atlântica.....	<b>19</b>
<b>Figura 4</b>	Mapeamento da vegetação da Mata Atlântica no estado do Rio de Janeiro.....	<b>19</b>
<b>Figura 5, 6 e 7</b>	Atividades de povos tradicionais de Paraty.....	<b>21</b>
<b>Figura 8</b>	Esquema de relações biológicas entre diferentes seres.....	<b>23</b>
<b>Figura 9</b>	Mapeamento de APAs em Paraty.....	<b>26</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

MMA	Ministério do Meio Ambiente
Inpe	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Funai	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
ITERJ	Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro
ICMbio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
APA	Área de Proteção Ambiental
ONG	Organização Não Governamental

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>23</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>4 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A destruição da natureza é algo, infelizmente, familiar para qualquer vivente do século XXI que tenha uma mínima noção da situação do mundo ao seu redor. Desde que a espécie humana deixou de ser uma espécie nômade<sup>1</sup>, ela passou a ter como subsistência o ambiente e suas relações de transformação com a natureza (SOUZA, 2023). A partir daí, se iniciou a prática de retirada de recursos naturais para o uso humano. Tal prática se iniciou como algo brando, que não impactava muito o ambiente, mas, com o passar do tempo, as tecnologias de extração de recursos avançaram, e os modelos societários do mundo valorizaram a obtenção e produção de todo tipo de item em uma escala que vai se tornando cada vez maior. Tudo isso fez com que a humanidade seguisse um rumo de exploração da natureza, em massa, muito maior do que as pessoas realmente precisam para sobreviver (GUITARRARA, 2023).

Ao longo da história da humanidade, as pessoas e nações que exploravam o mundo em busca de “riquezas” eram vistas como heróis e revolucionários. Muitas vezes, suas conquistas eram até mesmo a partir da expulsão de outros indivíduos e povos que já usufruíam da abundância desses ambientes. Não é difícil associar essas figuras tão “prestigiadas” aos homens brancos europeus que escravizavam pessoas, dizimavam povos e roubavam terras durante a era das Grandes Navegações<sup>2</sup>. Esses europeus foram, também, os que iniciaram o sistema capitalista (ALVES, 2023). E, também, é possível associar os contemporâneos líderes estadunidenses que são soberanos no meio capitalista (FIORI, 2023). Todas essas potências, que buscam o desenvolvimento a partir do extrativismo, não exitaram em desmatar florestas, caçar e extinguir animais, emitir gases tóxicos para a atmosfera terrestre e criar produtos cuja produção impacta, sobremaneira, o meio ambiente. Chega a ser trágico notar que essas questões, ainda no século XXI, são problemas longe de uma solução definitiva.

Quando aborda-se sobre extração de recursos naturais, é possível citar três tipos: Recursos de origem mineral, animal e vegetal (GUITARRARA, 2023). Todas essas variações de recursos possuem seu devido valor exploratório, ou seja, a justificativa de sua extração, que é, muitas

---

<sup>1</sup> “O nomadismo é uma característica de indivíduos ou grupos que não possuem residência fixa.” (CAMPOS, 2024). Ou seja, nômades são pessoas que não permanecem, a longo prazo em um mesmo território, mas sim, se deslocam de acordo com suas necessidades de sobrevivência e a disponibilidade de recursos no ambiente.

<sup>2</sup> “Chamam-se Grandes Navegações as expedições marítimas realizadas por europeus entre os séculos XV e XVI.” (BEZERRA, 2023).

vezes, desproporcional em relação ao uso destas matérias-primas, tendo um valor muito alto atribuído como mercadoria. É importante destacar o impacto ao ambiente causado pela retirada dos mesmos. Não importa se é algum tipo de metal que está sendo minerado, um animal que está tendo seu couro e carne aproveitados, ou uma planta que está sendo a base de uma monocultura, por exemplo. Todas essas práticas afetam profundamente o ambiente e todos os seres que ali estão. Uma situação onde isso é recorrente, é em relação às já citadas monoculturas de espécies vegetais, onde sua prática não só afeta a biodiversidade local, como também empobrece o solo de nutrientes e expulsa espécies animais da área (MALTEZ et al., 2016). Sendo assim, é perceptível que o meio ambiente é um sistema composto por diferentes elementos que dependem um do outro para seu devido funcionamento.

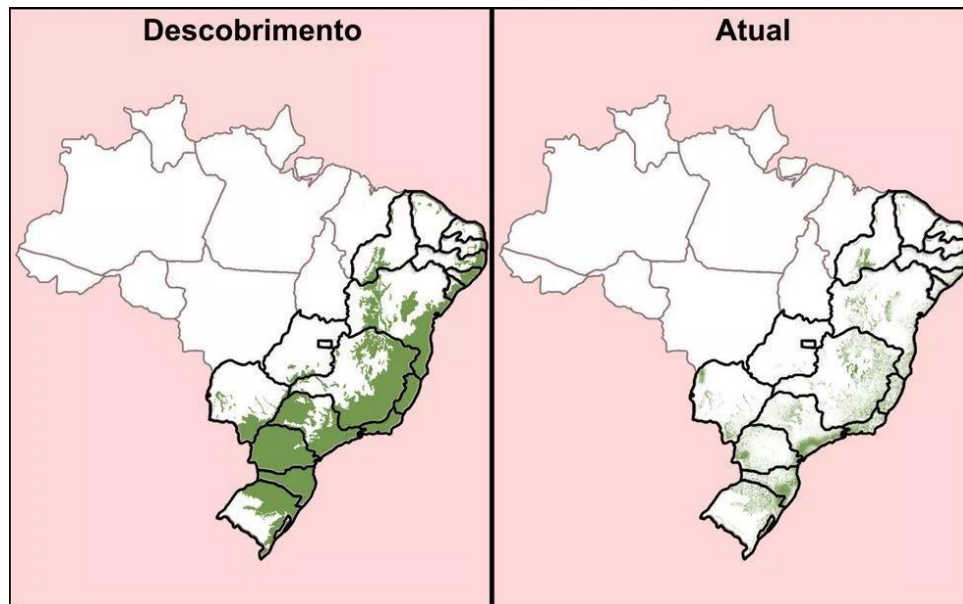
Neste ponto, é inegável a existência de uma relação entre seres humanos como indivíduos e sociedade. O que deve ser destacado é que, apesar de a natureza estar essencialmente ligada à humanidade, de fato, não é visível a existência de uma correlação entre esses campos, ou seja, um destes elementos não acompanha proporcionalmente o outro. A humanidade, referindo-se não aos indivíduos, mas aos poderes dominantes neste meio e suas ações, historicamente, desbrava mundo afora em busca de mais terras, maior exploração de pessoas e mais recursos, o que pode se resumir em uma busca incessante por mais poder, dispondo qualquer desdobramento socio e filosófico em relação a isso. Essa incansável e gananciosa busca perdura por tanto tempo e nela foram investidas tanta força e energia, que, tragicamente, o meio ambiente pode ser pequeno diante tamanha ameaça.

O Brasil não escapa desse histórico humano de impacto natural, muito pelo contrário. Embora o país tenha significativos eventos relacionados a extração de recursos minerais e a produção de animais, é inegável que a extração da vegetação tem um destaque altíssimo. Isso porque, desde a chegada dos europeus no território, que era chamado de “Pindorama” pelos povos originários (GÓIS, 2023), ele é assolado por processos exploratórios, especialmente focados na flora, inclusive até o presente – devido ao modelo de desenvolvimento vigente.

Diversas espécies de plantas são cultivadas em território nacional devido ao clima brasileiro favorável e posteriormente exportadas. A Mata Atlântica é um dos seis biomas do território brasileiro, ocupando a área litorânea do país, existindo desde o Rio Grande do Norte, até o Rio Grande do Sul. Originalmente, antes de qualquer grande intervenção humana, ele ocupava cerca de 1,3 milhões de km<sup>2</sup> (MMA, 2023). Hoje, com cerca de 7% de sua abrangência

original, o bioma é marcado por todo um rastro de destruição feito ao longo da história, devido aos ciclos exploratórios, como abordado anteriormente, e demonstrado na figura abaixo.

FIGURA 1 – Mapa comparativo da abrangência da Mata Atlântica no Brasil



Fonte: Fundação SOS Mata Atlântica e Inpe, 2019.

Direcionando o foco, especificamente, à flora da mata atlântica, que é o tema central deste projeto, sobretudo pela situação demonstrada no mapa exposto na figura 1, podemos identificar alguns processos históricos relacionados diretamente à vegetação do referido bioma. A história do estado do Rio de Janeiro é permeada pela sua relação com o bioma mata atlântica, devido ao seu território estar completamente inserido nesse território no bioma. Como exemplo, a prefeitura do Rio de Janeiro, revela que viviam milhares de indígenas, principalmente Tupinambás, quando os europeus invadiram o país (MULTIRIO, 2023). Esses povos originários do Brasil viviam diante da riqueza natural da Mata Atlântica. No entanto, tais povos tiveram sua presença apagada e o bioma foi devastado (MMA, 2023).

O primeiro processo de todos, sem sombra de dúvidas, foi o da extração da árvore que teve seu nome associado ao do nosso país, o Pau-brasil. A coleta desenfreada dessa árvore, que era utilizada como corante avermelhado, foi a primeira grande atividade econômica no Brasil, ainda durante o Brasil Pré-Colonial (1500-1534) (CAVALCANTI, 2022). Desde então, a mata

atlântica vem sendo impactada por diferentes fatores a partir das demandas de exploração dos seus recursos naturais para atender a objetivos financeiros e/ou econômicos de maneira geral.

Podemos também citar a exploração do café e da cana-de-açúcar durante o século XIX, que também foi um movimento de produção e extração de recursos naturais que teve como palco o bioma (MULTIRIO, 2023). Enfim, o que todos esses processos têm em comum é a destruição ocasionada por uma constante retirada de recursos naturais, sejam eles originais do território ou inseridos pelo ser humano, e a falta de uma “reposição” de biodiversidade vegetal proporcional ao que foi destruído. A destruição ou retirada da vegetação de determinado local é chamada de desmatamento (SOUSA, 2023). Esse é o problemático processo que extingue dezenas de milhares km<sup>2</sup> de biomas brasileiros por ano, como a Amazônia, Pantanal e a própria Mata Atlântica. Esse último bioma citado perdeu 20.075 hectares de vegetação, que equivale a cerca de 20.000 campos de futebol (Fundação SOS Mata Atlântica e Inpe, 2023). Esses dados são absolutamente alarmantes e assustadores. Analisando esses fatos, também é possível associá-los a uma possível causa, em uma ótica macro, da decorrência desses eventos: O genocídio dos indígenas da região.

Os povos originários, e demais comunidades tradicionais, do nosso país são comumente atribuídos a uma cosmovisão de preservação ambiental. Isso pode ser considerado válido afinal, a Mata Atlântica começou a ser impactada na mesma intensidade que os povos indígenas eram dizimados. Terras que antes eram cheias de uma vida natural que vibrava na mesma sintonia dos viventes locais, os povos indígenas. Essa sociedade teve suas estruturas abaladas pelo homem europeu, que obteve os recursos naturais como mercadoria e dizimou os habitantes locais para expandir seu domínio movido pela ganância.

Um povo sem a noção da necessidade de cuidar do ambiente em que vive, constrói sua sociedade acima de um cemitério. Ou seja, não só a população brasileira, mas todas que vivem no sistema capitalista, não têm a consciência de que preservar o meio em que sua comunidade vai se desenvolver é o caminho ideal, e que, caso contrário, essa sociedade está destinada a ruínas. Como já apontado, essa é uma tradição que foi mitigada, assim como nossos povos indígenas. Há quem lute pela causa da preservação ambiental neste presente momento, porém há uma forte repressão vinda de líderes e pessoas poderosas contra essa luta, motivando assim, uma disputa de ideologias que dificultam a regeneração do bioma mata atlântica.

Este trabalho foi conduzido de forma qualitativa. A pesquisa bibliográfica será baseada em fontes de origem governamental e/ou de fundações produtoras de dados e de levantamentos, tendo como base os descritores – mata atlântica, vegetação da mata atlântica, comunidades tradicionais da mata atlântica. Além disso, o assunto da pesquisa será auxiliado por artigos e sites da internet com fontes confiáveis que comprovem o que estiver sendo abordado. Tudo de mais importante obtido na pesquisa bibliográfica está sendo resumido em formato de fichamentos. O objetivo disso é sintetizar todas as informações obtidas, para que elas sejam utilizadas para reforçar e factuar os argumentos da pesquisa.

O tema desta pesquisa provém de uma grande busca por conhecimento sobre a origem do ambiente onde todos os seres humanos vivem. Questionamentos como esse são resultado de um contato regular com fenômenos que acontecem na natureza, gerando assim questionamentos sobre o surgimento de tudo isso. No entanto, quanto mais conhecimento sobre a origem do universo é absorvido, maior é a carência sobre outros fatos que também estão ligados a toda essa busca. Isso é muito bem caracterizado pela famosa frase: “Só sei que nada sei, e o fato de saber isso, me coloca em vantagem sobre aqueles que acham que sabem alguma coisa” (Sócrates).

Tendo essa visão em mente, se torna imprescindível pensar no funcionamento do universo, mas sem refletir sobre a relação do ser humano com o mesmo.

O interesse por plantas também é um poderoso motivador deste trabalho. Muito além dos vegetais comestíveis aplicados na culinária, a vegetação alheia é um grande gerador de instigação e deslumbre, sendo um grande atrativo para todos que se impressionam com a unicidade desses seres. Ter noção da vasta variabilidade de espécies, propriedades, e funções no meio ambiente das plantas é, realmente, uma dádiva.

Esses fatos já citados anteriormente podem ser muito bem aplicados em algo que é muito familiar para a grande maioria dos brasileiros: A mata atlântica. Esse bioma possui gigantesca relevância para o Brasil e sua população, impactando todos até os dias de hoje (SENA, 2023).

Essa familiaridade pode ser ainda mais estendida quando relacionamos a história do Brasil e da Mata Atlântica com o Rio de Janeiro, gerando assim, um tema ainda mais rico e, inclusive, muito mais íntimo de se produzir.

Tendo em vista essa relação positiva com todos os elementos já apresentados, é de suma importância que isso seja preservado. A sociedade brasileira sofre as consequências de um

longo histórico de impactos ambientais ao longo da história, o que são fatos que muitos indivíduos não possuem conhecimento e, conseqüentemente, não exercem o papel de protetores de meio ambiente. Assim, um dos grandes combustíveis deste projeto é a contribuição para a produção de conhecimento que visam destacar a importância do ambiente e, de sua proteção, para as pessoas, especialmente em relação ao bioma da Mata Atlântica situado no estado do Rio de Janeiro.

## **CAPÍTULO 1 – CARACTERIZAÇÃO DO BIOMA MATA ATLÂNTICA E SUA VEGETAÇÃO ASSOCIADA.**

A Mata Atlântica é formada por florestas nativas (floresta ombrófila densa; floresta ombrófila mista; floresta ombrófila aberta; floresta estacional semidecidual; e floresta estacional decidual), além de ecossistemas associados (manguezais, vegetações de restingas, campos de altitude, brejos interioranos e encraves florestais do Nordeste), abrangendo parte do litoral do Brasil (MMA, 2023).

Em 1500, ano marcado pelo início da invasão europeia no território que veio a ser conhecido como o Brasil, a Mata Atlântica correspondia a cerca de 15% do total da vegetação local sendo isso 1,3 milhões de km<sup>2</sup> (APREMAVI, 2024). Assim, evidencia-se a ocorrência de marcantes processos que diminuiriam drasticamente a abrangência vegetal da mata. Ainda assim, o bioma permanece com uma biodiversidade riquíssima de flora, que corresponde a 20 mil espécies (mais de que todo o continente norte americano, com 17 mil e o continente europeu, com 12,5 mil espécies vegetais) e de fauna, abrigando cerca de 2.040 espécies animais (MMA, 2023). Com essa biodiversidade exuberante destacada, revela-se a enorme importância da preservação da Mata Atlântica, que é exaltada em 27 de maio, o Dia Nacional da Mata Atlântica. Além disso, legislativamente, existem uma série de medidas que são tomadas para a proteção de territórios com remanescentes do bioma, como as das Unidades de Conservação (SNUC – Lei nº 9.985/2000), terras indígenas (Estatuto do Índio – Lei nº 6001/1973), e das Áreas de Preservação Permanente e Reserva Legal (Código Florestal – Lei nº 12.651/2012). Além disso o bioma é protegido pela lei que leva seu nome, a Lei da Mata Atlântica, regulamentada pelo Decreto nº 6.660/2008.

**FIGURA 2 - Panorama da Mata Atlântica—biodiversidade e serviços ambientais**



Fonte: Ministério do Meio Ambiente, 2019

Na figura acima, podemos observar as diferentes dimensões que qualificam a importância do bioma mata atlântica no que se refere a biodiversidade animal, vegetal e os processos de restabelecimento, advindos da exploração humana. Também aponta, os serviços ambientais, os quais fazem do referido bioma, um dos mais utilizados em seu potencial econômico.

A vegetação do bioma pode ser classificada de duas maneiras: floresta primária<sup>3</sup> ou floresta secundária<sup>4</sup>. A última nomenclatura anteriormente citada refere-se a 26% da diversidade vegetal da mata. Isso é um reflexo do quão importante é a mata atlântica não só devido a sua rica biodiversidade composta por diversas espécies vegetais e animais. Ainda durante a época das grandes navegações, a árvore Pau-Brasil (*Paubrasilia echinata*) foi a matéria-prima do primeiro grande movimento extrativista no território do que viria a ser o Brasil. A espécie, que foi nomeada assim por ter seu interior vermelho como brasas, foi

<sup>3</sup> Floresta com a vegetação intocada.

<sup>4</sup> Floresta cuja vegetação já passou por um ou mais processos regenerativos.

desmatada, principalmente, com a finalidade de produção de tintura têxtil. Utilizando o tronco da árvore, era possível produzir uma tinta avermelhada, que era rara até então associando-a assim, à nobreza. Por isso, o pau-brasil teve um interesse global de extração e importação, o que ocasionou no primeiro grande ciclo econômico do Brasil Colônia. Porém, estima-se que, do século XVI ao XIX, 500 mil toras da árvore foram enviadas à Europa. Por outro lado, no século XX, a espécie é considerada extinta em território nacional, sendo redescoberta apenas em 1928 (SCIENCE, 2024).

Com esta análise, observa-se uma contradição entre o impacto da vegetação na história do Brasil que também alcança outros campos. Por um lado, o país possui uma planta associada à sua identidade e à sua fundação como nação, já por outro lado, milhares de quilômetros de vegetação foram desmatados em prol de seu desenvolvimento. Além do Pau-brasil, a cana-de-açúcar e o café são espécies vegetais associados à história da Mata-Atlântica no estado do Rio de Janeiro.

A vegetação do bioma sofreu um declínio, não só devido à sua extração para consumo. Mas também, pela retirada da mata com o objetivo de ocupar o espaço com outras atividades de produção de recursos. Exemplos que se destacam são o plantio de café e de cana-de-açúcar, que, do século XV ao XX, deram sequência como principais atividades econômicas no Brasil no cenário mundial. Não só derivados de plantas são produzidos nestes territórios. A agropecuária também é uma grande responsável por desmatar o bioma em prol de sua atividade. Como mostra a pesquisa realizada pelo projeto Mapbiomas, o setor agropecuário foi responsável por críticos 97% do desmatamento no Brasil (MAPBIOMAS, 2024).

Mesmo tão devastada pela humanidade, a Mata Atlântica supera territorialmente a gigante Floresta Amazônica, proporcionalmente, em quantidade de espécies vegetais (cerca de vinte mil). Ou seja, por menos representativo que o bioma seja no território brasileiro, a mata possui uma biodiversidade vegetal indiscutivelmente riquíssima. Biodiversidade esta, que possui cerca de 277 espécies vegetais descobertas até então, além do Pau-brasil, com risco de extinção.

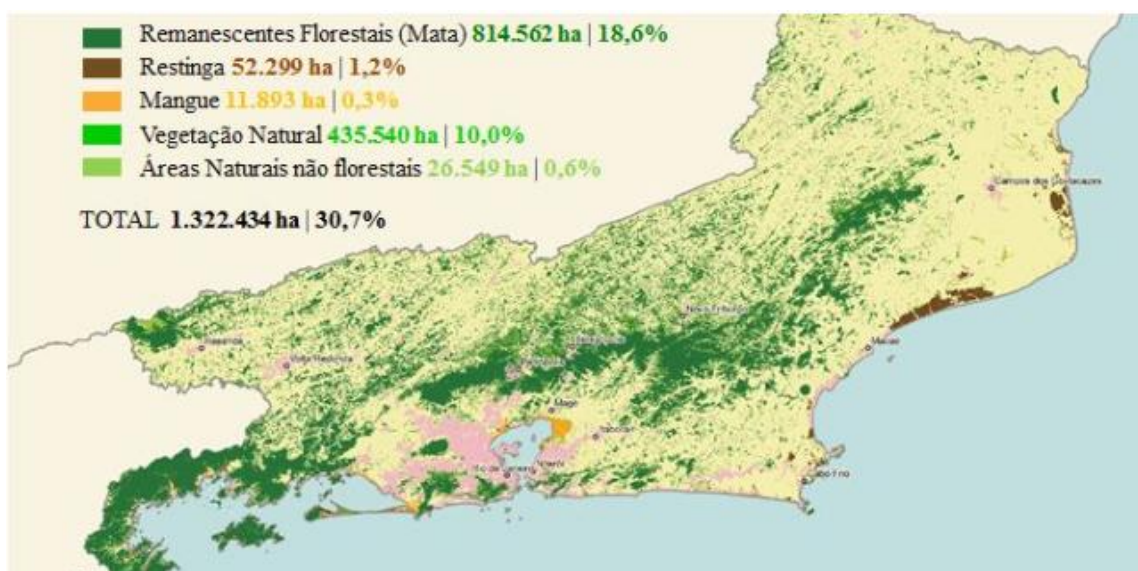
**Figura 3** – Fotografia de paisagem da Mata Atlântica



Fonte: Pensamento Verde, 2014

Estimativas apontam que, no século XVI, a Mata Atlântica compunha 97% do território do estado do Rio de Janeiro (ARAÚJO, 2015), sendo a principal vegetação do estado. Após séculos de processos que resultaram na redução da mata, em 2015, a Fundação SOS Mata Atlântica junta ao INPE identifica que, em 2003 restavam apenas 30,7% da mata original do estado. Paraty, Angra dos Reis e Mangaratiba são exemplos de regiões do Rio que possuem uma enorme abrangência do bioma ainda conservado (UNESCO, 2003). Uma das áreas conservadas que merece destaque, é a de Paraty.

**Figura 4** – Mapeamento da vegetação da Mata Atlântica no estado do Rio de Janeiro



Fonte: SOS Mata Atlântica, 2015

Paraty é um município do estado do Rio de Janeiro fundado entre os anos de 1540 e 1606, com uma área de 924,296 km<sup>2</sup> e uma população atualmente formada por cerca de 45 mil habitantes. No dia 5 de Julho de 2019, a região de Paraty foi reconhecida pela Unesco como Patrimônio Misto da Humanidade, devido a sua importância cultural e ambiental. Esta nomeação evidencia a grande significância que a região possui em relação, tanto à sua representatividade dentro do cenário da preservação da Mata Atlântica, quanto ao impacto que o local tem sobre as pessoas que lá vivem e visitam. Em Paraty e Ilha Grande (território próximo ao município), localizam-se quatro áreas de conservação do bioma da Mata Atlântica, sendo eles: O Parque Nacional da Serra da Bocaina; o Parque Estadual da Ilha Grande; a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul e a Área de Proteção Ambiental de Cairuçu. Totalizando assim, quase 149 mil hectares (1490 km<sup>2</sup>) área ocupada por vegetação, o que representa mais de 208 mil campos de futebol.

A região de Paraty, junto da Ilha Grande, possui o marco de ter 85% de sua cobertura vegetal preservada, o que corresponde ao segundo maior remanescente florestal do Brasil, sendo menor apenas do que as áreas de preservação do estado do Paraná<sup>5</sup>. Essa abrangência vegetal é, em sua maioria, primária.

No município, vivem comunidades tradicionais, destacando-se dois territórios quilombolas, duas terras indígenas e 28 comunidades caiçaras (CARVALHO, 2019). Assim, encontra-se a razão da região ser considerada um Patrimônio Misto da Humanidade: 32 povos tradicionais vivendo em paralelo juntamente ao bioma Mata Atlântica. Assim, é importante entender qual seria a relação entre esses grupos e o ambiente em que vivem e sua importância.

O reconhecimento traz uma esperança de que as comunidades, que fazem a sua cultura ser viva a partir da natureza, possam ser respeitadas por todos, pois sem essa relação entre os povos e a natureza não existiria a possibilidade de conseguir um título tão importante.

(Marcela Cananéa, liderança caiçara de Paraty, 2019).

---

<sup>5</sup> O estado do Paraná possui cerca de 6 milhões de hectares de Mata Atlântica preservada (PERIN, 2024).

**Figuras 5, 6 e 7 – Atividades de povos tradicionais de Paraty.**



Fonte: Fiocruz, 2019

## **CAPÍTULO 2 – A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR A VEGETAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA VISANDO QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS NA CIDADE DE PARATY/RJ.**

Quilombos são comunidades formadas, majoritariamente, por pessoas negras que fugiam da escravidão e seus descendentes (NEVES, 2024). Em Paraty, existem as Comunidades Quilombolas de Cabral e do Campinho da Independência. Este segundo, inclusive, foi o primeiro território Quilombola do estado do Rio de Janeiro a ser devidamente titulado. As atividades que sustentam os moradores destes territórios se baseiam na agricultura e no turismo.

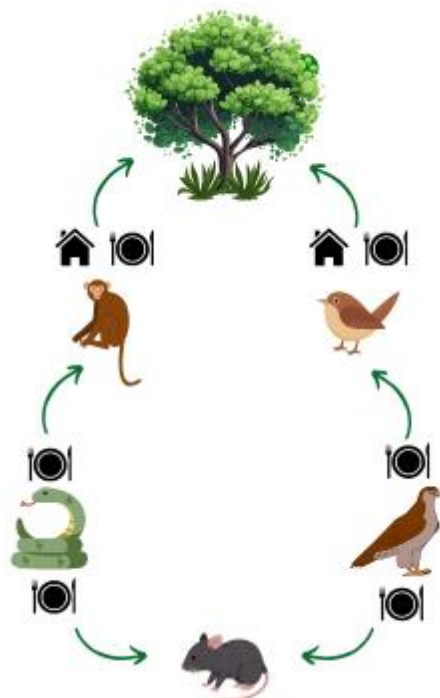
Os Indígenas são os povos originários do Brasil, aqueles que já estavam no território antes da chegada dos colonizadores. Em Paraty, residem as etnias Guarani, que vivem na aldeia Parati-mirim, e Pataxó, que residem a aldeia Araponga. Esses dois grupos se sustentam a partir da agricultura e da recepção de turistas que buscam conhecer as aldeias e os costumes de quem lá vivem.

Caiçaras são povos tradicionais que vivem no litoral, usufruindo do ambiente, seja ele mar, rio ou mangue. O município em questão conta com 28 grupos desses povos, que vivem com base na pesca.

Afinal, talvez a relação entre esses três tipos de povos não esteja clara. No contexto de Paraty e da Mata Atlântica, essas populações se assemelham por serem exemplares de comunidades tradicionais brasileiras cuja existência remete à luta e à resistência perante o “homem branco” que avança cada vez mais contra o bioma e a população local. Esses povos dependem do ambiente para sobreviver, seja para obter alimento para si mesmo, ou para exercer atividades econômicas que sustentam as pessoas da região. O simples fato de, diferentemente do brasileiro urbanizado, as populações tradicionais necessitarem do que o bioma em que vivem provém, é um indicativo de que essas pessoas lutarão pela preservação de onde habitam. Elucidando assim, a grande importância dos povos tradicionais de Paraty para a Mata Atlântica local.

Para compreender o quão importante um bioma é para determinada região, é necessário ter a noção do funcionamento de um ciclo biogeoquímico, que é a interação entre processos biológicos, geológicos e químicos no planeta Terra. Ou seja, é possível afirmar que é o ciclo de funcionamento da natureza. A questão é que se algum fator desse ciclo desaparecer, todo ele fica desregulado, afetando assim, todo o meio ambiente de determinada região.

**Figura 8** – Esquema de relações biológicas entre diferentes seres.



O esquema acima representa um ciclo biológico em um ambiente imaginário. Levando-o em consideração, é possível observar como espécies se relacionam como presa, predador e moradia. Se a vegetação de um território for prejudicada, os seres que dependem dela também vão, restando assim, a morte, ou mudança de ambiente para eles. Se esses animais forem a presa de outro, seus predadores adquirem o mesmo destino. Por fim, se esses predadores tiverem como presa um ser vivo que não foi prejudicado por nenhum processo até então, essa presa irá se alastrar sem precedentes, tornando assim, o ciclo biológico do território ainda mais desestabilizado. Com esta análise, fica evidente a importância da preservação da vegetação da Mata Atlântica, não apenas em Paraty, mas em todo o território do bioma.

A Mata Atlântica possui apenas 29% de sua vegetação original, sendo apenas 97.596 km<sup>2</sup> de remanescentes correspondendo a mais de 1km<sup>2</sup> (AZEVEDO, 2024). Este dado aponta para uma realidade em que o pouco que resta do bioma, além de representar uma porção minúscula de suas dimensões originais, não abrange massivamente o território nacional. O que nos leva a questionar o quão relevante o bioma é, não só em Paraty, mas em todo o Brasil, para a população e para as autoridades.

Paraty não possui uma relevância histórica e ambiental apenas por sua vasta área de Mata Atlântica preservada, mas também por intensas atividades de produção de café e cana-de-açúcar durante o período colonial do Brasil. No século XVIII, a região chegou a ter cerca de 200 engenhos de açúcar (PARATY, 2024). Esta observação demonstra como o território da Mata Atlântica pode ser impactante para diversas pessoas. Neste cenário, o ambiente onde o bioma ocupa serviu como base para o funcionamento de um pilar econômico importante para toda uma população. Não só os produtos finais destas atividades extrativistas são importantes, como o exercício da produção destes vegetais mobilizou toda a região de Paraty.

A partir da análise do modo de vida das populações tradicionais que vivem em Paraty, nota-se o quão dependentes elas são do ambiente em que vivem. A partir do bioma da Mata Atlântica, esses grupos se baseiam na agricultura para se alimentar e obter retorno financeiro, atraem turistas para a região e, principalmente, usam o espaço físico para estabelecer suas moradias. Destacando o turismo na região, estima-se uma faixa de 250 a 300 mil turistas anualmente no município (FERRIERA, 2011).

Apesar de tão importantes para a subsistência dos povos em que lá vivem, as terras de Paraty seguem em constante ameaça. Na década de 1970, a comunidade quilombola da região do Campinho da Independência passou por tensas disputas de terras. Graças à construção da rodovia BR-101, que conecta o Rio de Janeiro a São Paulo, a região de Paraty onde o quilombo localiza-se passou por uma supervalorização, atraindo assim, o interesse em investimentos no setor turístico. Isso ocasionou a ação de grileiros<sup>6</sup>, que tentaram tomar as terras dos quilombolas em prol de seus empreendimentos. Após este evento, a Associação de Moradores do Campinho (AMOC) foi fundada em 1994, com a iniciativa de obter a titulação coletiva das terras. Marco esse, que foi conquistado em 1999 (ICMBIO, 2024)

Os povos indígenas também têm suas terras ameaçadas em Paraty. Uma das causas disso, é um fato característico em todos os povos indígenas do país e, além disso, não seria exagero afirmar que também é algo que ocorre com indígenas de todo o mundo. A causa em questão é a não participação dos povos originários no desenvolvimento da sociedade. Em Paraty, este processo foi intensificado devido à onda de doenças trazidas pelos colonizadores, que fez com que os indígenas litorâneos migrassem para o interior do país (BORGES, 2024). Ainda assim, o tempo e a luta desses povos prova que eles são os merecedores do território. Graças ao

---

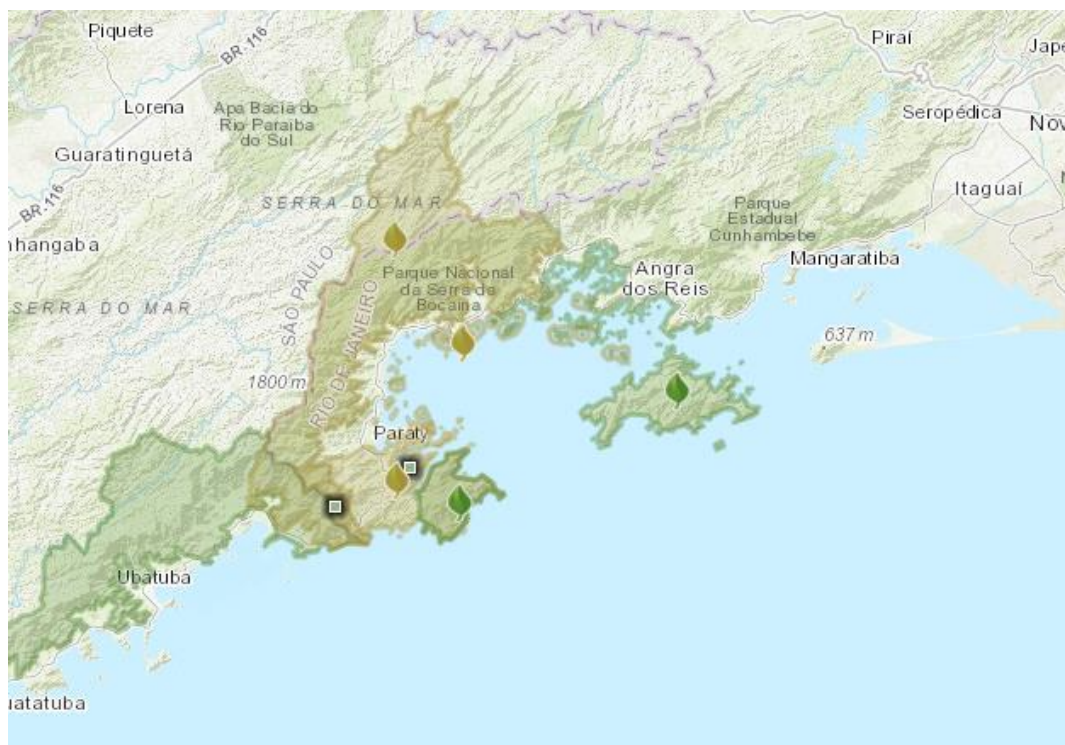
<sup>6</sup> A grilagem é uma prática criminosa de apossamento de terras a partir de falsos registros de territórios tomados.

reconhecimento da ocupação da aldeia Pataxó na região (que teve intermédio da Funai e da ITERJ), a construção de um resort que acabaria com a vegetação da Mata Atlântica de parte do local, foi evitada. Assim, reafirmando a importância dos povos indígenas para a preservação do bioma.

Os caiçaras passaram por infelizes processos similares com suas terras. Tudo começa em 1955, quando a estrada Cunha-Paraty é construída, levando os primeiros turistas e interessados por terras para a região, fluxo esse que se intensificou nos anos 1970 com a Rio-Santos. A maior ameaça desses povos tradicionais foi a compra e tomada de terras para a construção de casas de veraneio. O detalhe mais trágico desta série de acontecimentos, foi que muitos dos caiçaras que ali viviam foram expulsos de suas terras, foram morar nas periferias de Paraty e foram submetidos ao trabalho nas casas construídas sobre onde era seus territórios originais (BARTABURU, 2018).

Os eventos citados anteriormente são episódios onde as terras dos povos tradicionais de Paraty se encontram ameaçadas por interesses que vão contra os ideais dessas populações. O fato que mais se destaca é que, apesar de serem povos com histórias e culturas distintas, seus territórios possuem ameaças similares. Essa similaridade entre as ameaças sofridas pelos povos também reforça que esse é um problema grande, que afeta muitas pessoas e o meio onde elas vivem. Por isso, evidencia-se a urgência de medidas que fortaleçam a preservação do bioma de Paraty e combatam sua deteriorização.

**Figura 9 – Mapeamento de APAs em Paraty**



Fonte: Unidades de Conservação no Brasil, 2024

Em Paraty existem três áreas de preservação ambiental: o Parque Nacional da Serra da Bocaina, que possui cerca de 104 mil hectares de área, abrangendo os estados do RJ e SP, foi nomeado pela Unesco Patrimônio Mundial em 2019 e é controlado pelo ICMBio; a APA de Cairuçu, criada em 1983, é composta por 33.800 hectares de território continental, mais 63 ilhas e também está sob controle do ICMBio (FRANÇA, 2024); e a Reserva Ecológica de Juatinga, que possui 9.797 hectares, foi criada em 1992 e é responsável não só por preservar parte da vegetação terrestre de Paraty, mas também as áreas costeiras, como manguezais, restingas e o mar (INEA, 2024), sendo uma área de extrema importância para os povos Caiçaras.

É essencial que os governos, principalmente o estadual e o federal, alinhem esforços com os povos tradicionais de Paraty para a preservação do ambiente local. As APAs são importantes para isso, pois “oficializam” a importância de um determinado território graças ao seu bioma preservado e coopera para a proteção do mesmo.

O Governo Federal possui o Ministério do Meio Ambiente (MMA) para servir como um braço que traça estratégias visando o desenvolvimento sustentável do país. Este ministério foi criado em 1992 e, desde então, atua em diversas áreas relacionadas aos recursos naturais do país (ABC, 2024). Antes mesmo do MMA, o Brasil já contava com o movimento SOS Mata Atlântica, uma ONG criada em 1986. Seu foco é trabalhar especificamente pela preservação da Mata Atlântica e possui forte atuação em Paraty.

Uma importante política que deve ser implementada em Paraty é um Plano de Manejo, ou seja, um documento que estabelece medidas a se tomar referentes à preservação do meio ambiente na região. Apesar de APAs no território possuírem seus próprios, a Prefeitura de Paraty ainda não possui um plano de manejo. Com o estado fazendo sua parte para proteger tanto as populações tradicionais de Paraty, quanto o bioma, práticas sustentáveis vão reverberar no meio. Por exemplo, é possível destacar o turismo ecológico, prática que já é uma das principais características que torna o município tão atrativo, mas de maneira que não prejudica o meio ambiente, nem os povos que vivem lá. Outro forte aliado na preservação do meio ambiente é a educação. Os saberes dos povos tradicionais de Paraty devem ser reconhecidos e transbordar da região para fora, fazendo com que cada vez mais pessoas tenham consciência sobre o quão pertinente é cuidar de onde vivemos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando um determinado ambiente tem sua biodiversidade ameaçada, associa-se este fato à retirada desenfreada dos recursos naturais da região para seu uso como matéria-prima, ou para a ocupação do território anteriormente biodiverso. Esta ideia proveniente do senso comum não é completamente equivocada, afinal, este é o retrato de diversos processos relacionados aos biomas brasileiros ao longo da história. Além disso, pensando na Mata Atlântica é comum apontar que a solução deste problema seria simplesmente implementar medidas legislativas que protejam o bioma e criminalizem cada vez mais qualquer ameaça à fauna e à flora do bioma. No entanto, este não é o resumo de tudo. Seguir esta linha de pensamento faz parecer que o bioma só será preservado se for defendido com “espadas e escudos”.

Nesse contexto, é importante lembrar dos povos tradicionais de Paraty que, apenas vivendo suas vidas, implementam a preservação do bioma em seu cotidiano e praticam isso de maneira natural. Por isso, o Estado precisa atribuir o devido valor a estes grupos, os garantindo terras e, principalmente, o direito de viverem da sua própria maneira.

Com isso, a maneira de pensar dos próprios povos tradicionais da região podem ser incorporadas, tanto nas práticas dos residentes da região, quanto nas políticas públicas feitas pelo Estado. Isso abre portas para, ao invés da suspensão de determinadas práticas na região, o exercício dessas atividades de maneira consciente. A Agricultura, pesca, caça e turismo são apenas alguns exemplos de coisas feitas pelas populações tradicionais da região de maneira harmônica com a natureza. Se esses povos possuem o que lhes é direito garantido, essas práticas ecossustentáveis podem se tornar a regra, ao invés da exceção, tratando-se do bioma.

Talvez, o indivíduo que vive no meio urbano está tão imerso e distraído por uma realidade quase completamente “artificial”, que ele esquece do mundo onde vive. Muitas vezes, pode ser difícil compreender que os seres humanos não se resumem apenas ao que está ao redor. Na verdade, o *Homo sapiens* é, assim como qualquer outra espécie de ser vivo, parte de um todo: a natureza, o que é um conceito abrangente. Desde as maiores galáxias, até os minúsculos átomos, tudo é natural. Contudo, para a sobrevivência da própria espécie, é extremamente indicado que as pessoas entendam sobre, pelo menos, o meio em que vivem.

Ao longo da história, um fato que ocorreu recorrentemente foi a busca por conhecimento. Conhecimento este, que foi utilizado, por muitos, de maneira que colocasse seus próprios

semelhantes em risco, além do gigantesco impacto causado a outros seres da natureza. Isso revela uma ânsia do ser humano de tomar o universo para si através do conhecimento. Por sorte, a natureza sempre mostrou superar o Homem, provando-se inefável. No entanto, é preciso garantir que aquilo que é natural prevaleça como superior, pois, se a ganância do ser humano o superar, não haverá mais nada maior.

#### 4 REFERÊNCIAS

- ALVES, Jéssica. **Capitalismo**. Educa Mais Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/capitalismo>>. Acesso em: 2023.
- ARAÚJO, Carla. **Mata Atlântica: o bioma do Rio de Janeiro**. Multi Rio, 2015. Disponível em: <<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/reportagens/1155-mata-atlantica-o-bioma-do-rio>>. Acesso em: 2023.
- AZEVEDO, Julia. **Mata Atlântica: características e importância**. Ecycle, 2024. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/mata-atlantica/>>. Acesso em: 2024.
- BARTABURU, Xavier. Caiçaras de Paraty. **Repórter Brasil**, 2018. Disponível em: <<https://especial.reporterbrasil.org.br/comunidadestradicionais/caicaras-de-paraty/>>. Acesso em: 2024.
- BEZERRA, Juliana. **As Grandes Navegações**. Toda Matéria, 2023. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/as-primeiras-grandes-navegacoes/>>. Acesso em: 2023.
- BOEHM, Camila. **Pesquisa revela que desmatamento ameaça Mata Atlântica**. Agência Brasil, 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/pesquisa-revela-que-desmatamento-ameaca-mata-atlantica>>. Acesso em: 2023.
- BORGES, Taynara. Povos indígenas e comunidades tradicionais caminham lado a lado em encontro histórico em Paraty (RJ). **ISA**, 2024. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/povos-indigenas-e-comunidadestradicionais-caminham-lado-lado-em-encontro>>. Acesso em: 2024.
- CAMPOS, Tiago Soares. Nomadismo. **Brasil Escola**, 2024. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/nomadismo.htm>>. Acesso em: 2024.
- CARVALHO, Vinícius. Mais de 30 comunidades tradicionais de Paraty e Ilha Grande se tornam Patrimônio Mundial da Unesco. **OTSS**, 2024. Disponível em: <<https://www.otss.org.br/post/mais-de-30-comunidades-de-paraty-e-ilha-grande-passam-a-integrar-patrimonio-mundial-da-unesco>>. Acesso em: 2024.
- CAVALCANTI, Maria Clara. **Aprenda como foi Período Pré-Colonial de 1500 à 1532**. Quero Bolsa, 2022. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/enem/historia-brasil/periodo-pre-colonial>>. Acesso em: 2023.

CONEXÃO MATA ATLÂNTICA. Mata Atlântica: o bioma do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://conexaomataatlantica.mctic.gov.br/cma/noticias/mata-atlantica-o-bioma-do-rio-de-janeiro#:~:text=O%20Rio%20de%20Janeiro%20%C3%A9,segundo%20mapeamento%20mais%20atual%20elaborado>>. Acesso em: 2024.

FIORI, José Luís. **O Capitalismo Americano**. Outras Palavras, 2019. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/o-capitalismo-americano/>>. Acesso em: 2023.

GÓIS, Aléxis Cerqueira. **Pindorama: Como Era a Vida no Brasil Antes dos Europeus**. Mega Curioso, 2023. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/124821-pindorama-como-era-a-vida-no-brasil-antes-dos-europeus.htm>> Acesso em: 2023.

GUITARRARA, Paloma. **Extrativismo**. Brasil Escola, 2023. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/atividade-extrativista.htm>. Acesso em 02 de novembro de 2023.

IBGE. Paraty (RJ), 2024. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/paraty.html>>. Acesso em: 2024.

ICMBIO. Paraty e Ilha Grande (RJ) ganham título de Patrimônio Mundial da Unesco, 2024. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/cairucu/destaques/119-paraty-e-ilha-grande-rj-ganham-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco.html>>. Acesso em: 2024

MAGALHÃES, Lana. Mata Atlântica. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/mata-atlantica/>>. Acesso em: 2024.

MALTEZ, Marcos. Impactos Ambientais e Sociais Causados Pelas Monoculturas de Eucaliptos no Alto Jequitinhonha. **V Congresso em Desenvolvimento Social**, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/41131/2/IMPACTOS%20AMBIENTAIS%20E%20SOCIAIS%20CAUSADOS%20PELAS%20MONOCULTURAS.pdf>>. Acesso em: 2024.

MAPBIOMAS, Mais de 90% do desmatamento da amazônia é para abertura de pastagem, 2024. Disponível em: <<https://brasil.mapbiomas.org/2024/10/03/mais-de-90-do-desmatamento-da-amazonia-e-para-abertura-de-pastagem/#:~:text=Do%20desmatamento%20ocorrido%20entre%201987,analizado%3B%208%25%20foram%20desmatados%20para>>. Acesso em: 2024.

MMA. **Mata Atlântica**. Ministério do Meio Ambiente, 2023. Disponível em: <[https://antigo.mma.gov.br/biomas/mata-atl%C3%A2ntica\\_emdesenvolvimento.html](https://antigo.mma.gov.br/biomas/mata-atl%C3%A2ntica_emdesenvolvimento.html)>. Acesso em: 2023.

NATIONAL GEOGRAPHIC Brasil. Pau-Brasil: qual é sua história e importância, 2023. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2022/12/pau-brasil-qual-e-sua-historia-e-importancia>>. Acesso em: 2024

PERIN, Gabriel Brum. Como desmatamos 70% da Mata Atlântica no Paraná. **Turistória**, 2024. Disponível em: <<https://www.turistoria.com.br/mata-atlantica-no-parana>>. Acesso em: 2024.

PREFEITURA DE PARATY. Sobre a Cidade, 2024. Disponível em: <<https://www.paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre>>. Acesso em: 2024.

RAIZEN. Cana-de-açúcar: tudo sobre sua importância e versatilidade, 2021. Disponível em: <<https://www.raizen.com.br/blog/cana-de-acucar#:~:text=Ela%20chegou%20ao%20Brasil%20por,a%C3%A7%C3%BAcar%20como%20uma%20iguarua%20cara>>. Acesso em: 2024

SOS MATA ATLÂNTICA. Atlas da Mata Atlântica, 2024. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/iniciativas/atlas-da-mata-atlantica#:~:text=Quatro%20estados%20acumularam%2090%25%20do,Sul%2C%20Bahia%20e%20Minas%20Gerais>>. Acesso em: 2024

SOS MATA ATLÂNTICA. Desmatamento ainda é uma ameaça à Mata Atlântica, 2023. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/noticias/desmatamento-ainda-e-uma-ameaca-a-mata-atlantica>>. Acesso em: 2024

SOS MATA ATLÂNTICA. Fundação divulga mapeamento inédito da Mata Atlântica do Rio, 2015. Disponível em: <[https://www.sosma.org.br/noticias/levantamento-inedito-mata-atlantica-rio#:~:text=No%20estado%20do%20Rio%20de%20Janeiro%2C%20esta%20nova%20classe%20de,florestais%20\(0%2C6%25](https://www.sosma.org.br/noticias/levantamento-inedito-mata-atlantica-rio#:~:text=No%20estado%20do%20Rio%20de%20Janeiro%2C%20esta%20nova%20classe%20de,florestais%20(0%2C6%25)>. Acesso em: 2024.